

A menina silenciosa
Ano - 2023
Diretor: Colm Bairéad

Denise Maia*

A infância, tempo especial e fundante do desenvolvimento humano, tem sido observada hoje com muitas preocupações.

Sabe-se que o “processo do vir a ser” da criança, que começa com a primeiríssima infância (0 a 3 anos), é objeto de estudo da neurobiologia, explicitando a grande importância das aquisições “neurológicas”, de todo um aparato cognitivo, que vai se compondo ao longo de toda infância e ganhando complexidade.

Tudo isto é permeado desde o nascimento, pela imprescindível relação “cuidador/bebê”, pelo olhar, o toque e a proximidade afetiva, que acolhe, aquece e confirma em quem este pequeno bebê vai se constituindo.

A relação parental dá forma a todo este processo de crescimento, participando em todas as etapas da vida da criança na presença afetiva, no cuidado, nos estímulos que oferece.

Esta presença pode trazer acolhida e segurança ou, em seu aspecto negativo, ausência, desafeto e sofrimento. Pais pouco disponíveis e inconscientes do seu papel, não refletem para a criança quem ela é e, quando não há outros cuidadores presentes nesta relação, o processo de desenvolvimento natural, torna-se alterado, podendo trazer muitas sequelas físicas, psíquicas e cognitivas.

Gostaria de observar, dentro deste contexto, o filme “A menina silenciosa”, produzido em 2023 pelo diretor Colm Bairéad, abordando a história e a vida de Cáit, uma menina de aproximadamente 9 anos.

Em uma pequena cidade rural da Irlanda, tão distante de tudo, vive Cáit, terceira filha de uma família cuja mãe está novamente grávida de seu quinto filho.

Estranheza e frieza nas relações, permeiam a dinâmica destas pessoas, que sem conexão e afeto, coabitam um espaço físico.

O menino, ainda bebê, chora; as meninas mostram-se entediadas e a mais velha vocifera contra este bebê que é o único que se expressa, talvez em seu desconforto.

A mãe distante e novamente grávida, atende ao bebê que chora, esquecendo-se ou não tendo tempo para outros cuidados com ela, com a rotina da casa e tudo ao redor: alimentação, limpeza e outros.

O pai ausente, mesmo quando presente, mostra-se agressivo e cruel, inclusive ao abordar a mãe e as necessidades da casa. Há privação, miséria afetiva, emocional, humana...

Cáit é a segunda das filhas e nada expressa verbalmente. É a “menina silenciosa”, título do filme que, com seus olhos azuis e intensos, a tudo observa, sem dizer uma palavra. Calar-se é falar, gritar de tanta ausência. Há falta de cuidado e interação com as irmãs, com os pais, com as colegas na escola; um triste olhar, embora tão expressivo! Não se importam com ela, passa despercebida como se não existisse. Sempre sozinha pelos cantos, corre muito..., “a menina estranha, das pernas longas...”, corre sem rumo, parece fugir para se encontrar?

Em um certo momento nas férias escolares, próximo à chegada do novo bebê, a mãe resolve, com anuência paterna, que inclusive a leva, deixá-la com uma prima mais velha

que vive numa pequena cidade rural, pouco distante. Cáit escuta, observa, se deixa conduzir; nada lhe é comunicado e em silêncio é levada no banco de trás do carro, como se fosse um objeto a ser entregue. Durante o trajeto, o pai escuta rádio, canta, como se estivesse sozinho, sem a filha...presença ausente...

Cáit é entregue ao casal ambos um pouco mais velhos, parecendo a princípio, como uma doação...

Antes de ir embora, sem se despedir da menina, o pai reclama da vida, do peso que é esta filha para ele, e parte esquecendo-se de deixar uma pequena mala, com os poucos pertences dela.

A princípio, o silêncio e a observação presentes, vão se tornando, com a atitude da Senhora Eibhlin, pequenas respostas por parte de Cáit cujos olhos a tudo perscrutam.

A menina passa a ser incluída em todas as conversas, tarefas da casa, compartilhando com a senhora toda a rotina de cuidados de uma pequena propriedade rural.

Senhora Eibhlin conversa bastante com Cáit, tratando-lhe com delicadeza e lhe ensinando pequenos trabalhos. Aproximam-se e a menina vai recebendo cuidados, atenção e carinho, observados numa imagem que revela, com grande ternura, o primeiro banho, com toques suaves, para retirar toda a sujeira encrustada no corpo de Cáit, representação de um longo abandono por parte da mãe. Cada momento de pentear os cabelos, retirar os nós, era acompanhado de um prazer embalado pelas cantigas que a senhora cantarolava.

O marido Seán, paulatinamente vai se aproximando de Cáit, a princípio com mais dificuldades, mas, com o convívio, uma conexão vai acontecendo, em pequenos detalhes, falas, tarefas e brincadeiras.

O sorriso vai se fazendo presente no rosto de Cáit ... a expressão facial torna-se mais leve e o afeto e cuidado que estão presentes são catalizadores desta mudança.

O casal, Eibhlin e Seán, também foi se transformando ao logo da presença de Cáit em suas vidas. Pareciam tristes, mais endurecidos e ao longo do filme há a revelação de um segredo familiar. O único filho que tiveram sofreu um acidente e morreu num poço d'água da fazenda. Este casal, também tocado pela dor de uma perda tão significativa, no início estava menos disponível à interação. Paulatinamente, uma conexão foi se estabelecendo e num clima de grande acolhida foram se tornando pais adotivos.

O tempo foi passando, as férias terminando e o retorno às aulas e à família biológica se fazia necessário. Nasce o quinto filho, um novo bebê e, neste cenário, Cáit precisa voltar à antiga vida.

Observam-se dor sofrimento presentes no coração de cada um deles, que não gostariam de se separar. Tristeza e silêncio no carro, neste caminho de volta. Cáit parece retornar ao contexto que já conhecia: mãe descuidada e sobrecarregada, agora com mais um bebê, e todos os cuidados que já não conseguia realizar; pai ao chegar, reclamando e descontente com as mesmas situações. Não há um abraço, um toque, um desejo de boas-vindas, nenhum afeto. No entanto o casal adotivo, com grande carinho e pesar, despede-se de Cáit dizendo o quanto ela é especial e querida, oferecendo a ela e à família biológica, alimentos, objetos que trouxeram e agora Cáit tem as suas roupas e pertences pessoais que recebeu ao longo destes meses.

O casal adotivo se despede e, com o carro, vai em direção à porteira um pouco distante da casa. Cáit com suas longas e rápidas pernas, corre para alcançá-los e num amoroso encontro, pula no colo de Séan que fechava, naquele momento, o portão. No silêncio, mas com grande conexão e intensidade de afeto, esta imagem é a última do

filme. O pai biológico vem pelo caminho, talvez a procurá-la e ela abraçada a Séan, repete por duas vezes: “Papai”

Cáit, uma criança introvertida e negligenciada por sua família biológica, em um ambiente marcado por carência afetiva, silêncio e constrangimento, desenvolve um comportamento retraído. Não apenas por uma natural timidez, mas como uma forma de adaptação para se proteger, embora ela estivesse sempre observando tudo. Silenciosa, não chama atenção para si, num contexto onde suas necessidades não são acolhidas.

Ao ser enviada para conviver com pais adotivos, Cáit entra em contato com um outro tipo de vínculo, um ambiente estruturado, com escuta e afeto. Esta mudança revela um aspecto central do desenvolvimento psíquico infantil: o apego seguro que permite que, aos poucos, ela comece a se expressar, a confiar, não precisando mais para se proteger, afastar-se ou manter-se em silêncio.

Podemos observar no contraste de atitudes e ambientes que a menina vivencia que o psiquismo infantil é moldado pela qualidade das relações. O vínculo afetivo traz a possibilidade de reparação emocional.

Há também um segredo do casal adotivo, que traz uma dimensão de luto e perda, sugerindo que ao cuidarem da criança abandonada, presente em Cáit, ele estaria vivenciando também a transformação de sua própria dor.

Mesmo trajetórias atravessadas pelo sofrimento, na experiência de ser olhado, cuidado e acolhido com afeto, há possibilidade de abertura para transformação. Cáit floresce, pois há estímulos e um ambiente seguro onde ela possa existir, recebendo atenção por ser quem é...

Um sorriso, um olhar que conecta e traz o senso de pertencimento...

Um abraço apertado, pleno de afeto e que se traduz em palavra:

“Papai”

Biografia:

- Gerhardt, Sue – “Porque o amor é importante” Porto Alegre, Artmed. 2017